

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JULHO DE 1908

N.º 227

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

Procissão do Corpo de Deus em 1908



Sahindo da Sé

El-Rei D. Manuel II, o Senhor Infante D. Affonso e o sr. conselheiro Ferreira do Amaral, presidente do conselho de ministros

A procissão do Corpo de Deus

Dr. Itiberê da Cunha

Grandes energias economicas

ESTA procissão historica e famosa, a mais brilhante e luzida que se celebrava em terra portugueza, taes reduções vae soffrendo de anno para anno, que pouca surpresa nos fará o ver-mo-la dentro em pouco reduzida a zero. Um córte hoje, um córte amanhã, já pouco lhe falta para ser cortada de todo. O de 5.ª feira, 18, foi dos que mais penalisaram a população de Lisboa, especialmente toda aquella que estacionava nas ruas proximas da Sé e no largo da

Magdalena, porque a procissão pela primeira vez limitou-se a dar a volta ao largo da Sé. E este anno a concorrência, mais de curiosos que de fieis sem duvida, era extraordinaria, porque a todos os attractivos dos annos anteriores acrescentava-se o mais intenso de todos: a presença d'El-Rei D. Manuel. Não faltou S. M. felizmente, mas infelizmente não percorreu a pé, segurando a vara do pallio, o espaço que media entre a Magdalena e a Sé, e dahi — iam a dizer o desapontamento, mas o verdadeiro termo é este: o desgosto, que sentiram os milhares de pessoas que perderam o ensejo de ver, e proventura mais uma vez acclamar, o jovem rei de Portugal.

Conhecendo bem a historia patria, outra razão da maior importancia, porque invocava uma grande data nacional, devia, attrahir este anno a procissão do Corpo de Deus a população de Lisboa. Mera razão de ordem evocativa, mas de valor retrospectivo, visto que ha precisamente um seculo, essa procissão se celebrava em 18 de junho, assistindo a ella o general Junot e as tropas francezas, que já andavam com a pedra no sapato ao verem pelas primeiras arremettidas dos portuguezes que elles não eram para graças. Deu-se nesse dia um motim popular. E como um garoto atrevido, aproveitando o panico espalhasse o boato de que estavam a desembarcar os inglezes, não foi preciso mais nada para que as tropas napoleonicas fugissem espavoridas para os quartéis.

O lendario S. Jorge, parte obrigada da velha procissão, parecia ter este anno um aspecto mais garrido e marcial e attrahia a attenção de toda a gente. E' que o patrono da poderosa Inglaterra, ha uns poucos de seculos adoptado pelos portuguezes, como o sagrado penhor d'alliança entre as duas antigas nações, parecia evocar este anno aquelle grito de guerra *S. Thiago e S. Jorge*, que tantas vezes aqueceu o animo dos portuguezes e que tanto contribuiu para batalhas que vencemos e glorias que obtivemos.

Depois da Acclamação, foi esta a primeira cerimonia official em que compareceu o rei. E' uma razão de força para que o dia da procissão de *Corpus Christi*, 18 de junho de 1908, fique assignalado.

Sobre o assumpto diversas gravuras publicamos. Vê-se em quasi todas a figura d'El-Rei envolto no manto tradicional com que os reis portuguezes, segurando uma das varas do pallio, teem por uso tomar parte na historica procissão. O patriarcha, S. A. o Infante D. Alfonso, as figuras da corte, do governo e da municipalidade, tambem resaltam d'essas gravuras, nas quaes procuramos dar um dos mais interessantes aspectos da antiga festa religiosa.

O illustre ministro do Brasil que, infelizmente por tão poucos dias exerceu em Portugal o seu alto cargo, honrou-nos com a offerta de um capitulo extrahido do seu novo livro, que com o titulo acima vae brevemente apparecer. E' editado em Lisboa e constitue um complemento aos dois volumes já publicados no Rio de Janeiro sobre Economia Social.

Esse capitulo, que é extenso, começamos a publicarlo hoje, aproveitando o ensejo para agradecer ao eminente diplomata e escriptor a honra concedida a esta Illustração.

Economia social

A ALLEMANHA

Nação modelar. Seus poderosos agentes de progresso e de expansão economica

A historia das nações bem raros exemplos apresentará tão eloquentes como o rapido e assombroso progresso material da Alemanha. Realizado apenas em os ultimos trinta annos de paz, não pequenas preocupações tem causado ás suas poderosas concorrentes nos mercados internacionaes.

Realmente, encontra-se esta grande potencia industrial á testa do crescente movimento de expansão economica mundial, graças, sobretudo, á superioridade do seu ensino tecnico profissional hoje reconhecido como o verdadeiro complemento obrigatorio do cyclo dos estudos elementares, ao passo que o velho e caduco systema pedagogico é até considerado pelos modernos educadores como um perigo nacional, constituindo elle, geralmente, em fazer dos jovens bachareis verdadeiras caricaturas de «l'honnête homme qui ne se pique de rien», tal qual pintou La Rochefoucauld.

Foi com uma nova orientação dada ao ensino industrial e commercial, que o Imperio dos Hohenzollern poude conquistar para os

productos de suas variadas industrias os mais longinquos mercados do mundo, assemelhando-se áquelle commerciante de J. J. Rousseau, que — *bastava tocar-lhe nas Indias, para fazel-o gritar em Paris.*

Para a execução d'esse nobre escopo, a Alemanha não tem poupado sacrificio algum, valendo-lhe os seus patrioticos esforços a invejavel e privilegiada posição que occupa entre as principaes potencias industriaes e maritimas, graças ao seu espirito de iniciativa, á supremacia da sua educação, aos meios e agentes superiores de expansão, que vão ao encontro do cliente e dos mercados estrangeiros, ao mesmo tempo que são admiravelmente servidos por excellentes e rapidos meios de transporte

A ordem alphabetica adoptada n'este pequeno trabalho de economia social sobre os grandes exemplos de poder industrial e expansivo, proporcionou-me o ensejo de começar esta resenha precisa-

S. Jorge e o dragão



Quadro de João Francisco Penni, existente no museu de Dresde

mente pelo colosso germanico, o qual, conjuntamente com a Italia e a Belgica, formaram uma admiravel trilogia nos inolvidaveis annos de residencia n'esses adiantados paizes, cujo estudo foi o complemento benefico de minha educação para, com maior aproveitamento, servir o meu paiz na honrosa carreira que abraçei.

Com effeito, apenas terminado o meu curso juridico na Faculdade de S. Paulo, coube-me a boa sorte de ter encetado minha vida publica justamente n'aquella grande e poderosa nação, no momento em que a Allemanha acabava de cobrir-se de louros e achava-se no apogeo de suas glorias militares, ainda palpitantes pela estrondosa victoria de Sedan.

Era, portanto, muito natural que tão precioso livro aberto tivesse produzido o mais vivo interesse no animo do jovem e bisonho addido de Legação, francamente avido de observar e aprender em um grande centro, com razão celebrado pela sua elevada cultura e civilização, fazendo-me recordar a excellente recommendação do nosso illustrado lente de Direito internacional, Conselheiro Brotero, quando, em uma de suas brilhantes preleções, aconselhava os seus discipulos a viajarem, como o melhor meio de instruir-se, acrescentando, porém, judiciosamente, que sempre tivéssemos presente que — os *bahús* e os *fardos de fazenda* também viajam.

Tanto maior era o nosso interesse no estudo desta grande nação, quanto muitos de seus laboriosos filhos já haviam despertado a nossa admiração infantil, ao contemplar enlevados as douradas searas dos formosos e ferazes campos do Paraná, cultivados pelos primeiros colonos allemães, verdadeiros e valentes *poniers*, que deram o exemplo vivo de uma fecunda iniciativa e do rude e honesto trabalho manual, hoje secundados n'essa gloriosa labutação por italianos e polacos, ensinando-nos assim a cultivar e amar o sólo, que soubemos regar com o suor do rosto.

E', portanto, muito mais natural que preferamos a este respeito,



Procissão do Corpo de Deus. — A imagem de S. Jorge

apezar da nossa alma latina, as judiciosas observações do illustre publicista Mathias Wallady no seu magnifico estudo — «As duas raças», que as parciaes apreciações de Mathilde Serão, a celebre escriptora italiana, quando, ao exaltar o genio latino, em seu esplendido artigo — «As duas energias» — pergunta entusiasmada:

«A que escola de energia ireis vós retemperar a alma hesitante e inquieta, a alma que viveu demasiado da sua vida interior, que julgou ter o sonho mais valor que a realidade? Vos deixareis, porventura, subjugar pela rude fascinação do espirito germanico?»

Certamente Arminio desprende um vôo formidavel nos cincoenta ultimos annos do seculo passado, e, durante algum tempo, parecia que já não havia mais logar senão para elle debaixo da abobada celeste, e que a sua supremacia militar, suas riquezas industriaes e commerciaes, seu prestigio scientifico se impunham a todos de um modo incomparavel e esmagador.»

Tampouco tem razão quando, insistindo sobre o espirito de dominação da energia germanica, a qual, segundo Mathilde Serão, pretende estender os seus braços de colosso sobre o universo inteiro, acrescenta que «a sua expressão suprema está concentrada em Ricardo Wagner, seu homem de genio, em quem o proprio Arminio parece ter-se encarnado: — genio colossal e de proporções formidaveis, porém, obscuro e confuso; genio admiravel, porém, que opprime a nossa alma de ternura e de clareza pela violencia mesma de sua força; genio que o nosso espirito latino não pôde penetrar senão parcialmente, e ante o qual elle se inclina, ora com respeito, ora com angustia.»

A este respeito o tempo e a nova educação artistica se teem encarregado de modificar as opiniões, e se a difficil lingua de Goethe fosse mais difundida, não se limitaria o estrangeiro a conhecer pelas traducções o genio scientifico d'essa forte raça, ignorando quasi por completo seus nobres e elevados ideaes em litteratura e bellas artes.

Não é sómente na industria e no commercio que a Allemanha tem progredido de um modo surpreendente ha trinta e tantos annos a esta parte. «Nunca, desde os dias da Renascença e da Reforma,

escreve o sr. Kuno Francke, na *Atlantic Monthly*, houve uma época em que o aspecto do paiz revelasse uma vida tão ardente, uma tão intensa actividade em todos os dominios das aspirações nacionaes como agora.»

Com effeito, para quem, como nós, viu de perto aquelle desenvolvimento, não é nenhuma surpresa que a consciencia publica allemã



Procissão do Corpo de Deus. — Descendo as escadarias da Sé: El-Rei, Infante D. Affonso, conselheiro Ferreira do Amaral e varios dignatarios

se tivesse elevado a um potencial consideravel, como se demonstra nos ideaes modernos de educação, de arte e de litteratura.

Efficiencia — tal é o objectivo capital dos novos educadores. Novos methodos substituiram os antigos; ás sciencias naturaes dedicou-se muito mais estudo, e nota-se, como um symptoma caracteristico, que o elemento feminino tem augmentado consideravelmente nas universidades.

Como é sabido, a mulher allemã, como a americana do norte, está resolvida a tornar-se independentemente intellectualmente; e não mais se resigna a confinar-se na estreita esphera dos interesses domesticos, nem a ser um mero objecto de prazer ou de adorno social.

Devemos dizer tambem, em resposta á eximia escriptora italiana, que a nota caracteristica da arte moderna na Allemanha é a sympathia com a vida, e d'este novo pantheismo a expressão artistica mais perfeita foi realizada por Wagner, e, segundo auctoridades competentes, da sua musica sublime originou-se uma profunda revolução moral em milhares de consciencias. E' tambem aceito que aquella expressão artistica foi igualmente realizada por Arnold Boeklin, cujo assombroso poder creador arrastou a geração actual a ver de outro modo, a ver mais intensamente e com muita maior amplidão de horizonte.

Não posso deixar tambem de recordar aqui uma importante circumstancia de minha primeira infancia, que tão poderosa influencia exerceu no meu verdadeiro culto pela arte divina de Beethoven, crime do qual até hoje, ao que parece, ainda não fui totalmente absolvido.

N'esse mesmo Paraná, meu torrão natal, em um dos pittorescos



Procissão do Corpo de Deus. — Um aspecto

arredores de Curityba, onde tinhamos nossa chacara, então verdadeiro templo da sciencia e das artes, costumavam à noite passar cantando os laboriosos colonos allemães de volta do trabalho dos campos. Nosso saudoso pae nunca deixava de chamar os filhinhos para ouvirem religiosamente aquelles nobres e harmoniosos *lieder*, que nos davam uma justa idéa da grande alma allemã, alma educada de

A procissão do Corpo de Deus em 1908



A PROCISSÃO SAHINDO DA SÉ. — O p^oto. — El-Rei pegando a uma das varas

Impressão p^oto. 50

modo a que em qualquer parte que se encontrem dois allemães, uma simples canção patriótica aprendida em commum desde os bancos da escola primaria, lhes dê a idéa da patria longinqua. Assim tambem nenhuma reunião festiva termina entre elles sem ter um *lieder* ou o hymno nacional como *benedicite*.

Na litteratura igualmente resplandece, como na Inglaterra, uma grande riqueza de idealismo e uma alegre vitalidade que eleva e edifica o espirito pela nobre e generosa humanidade de que se acha penetrada.

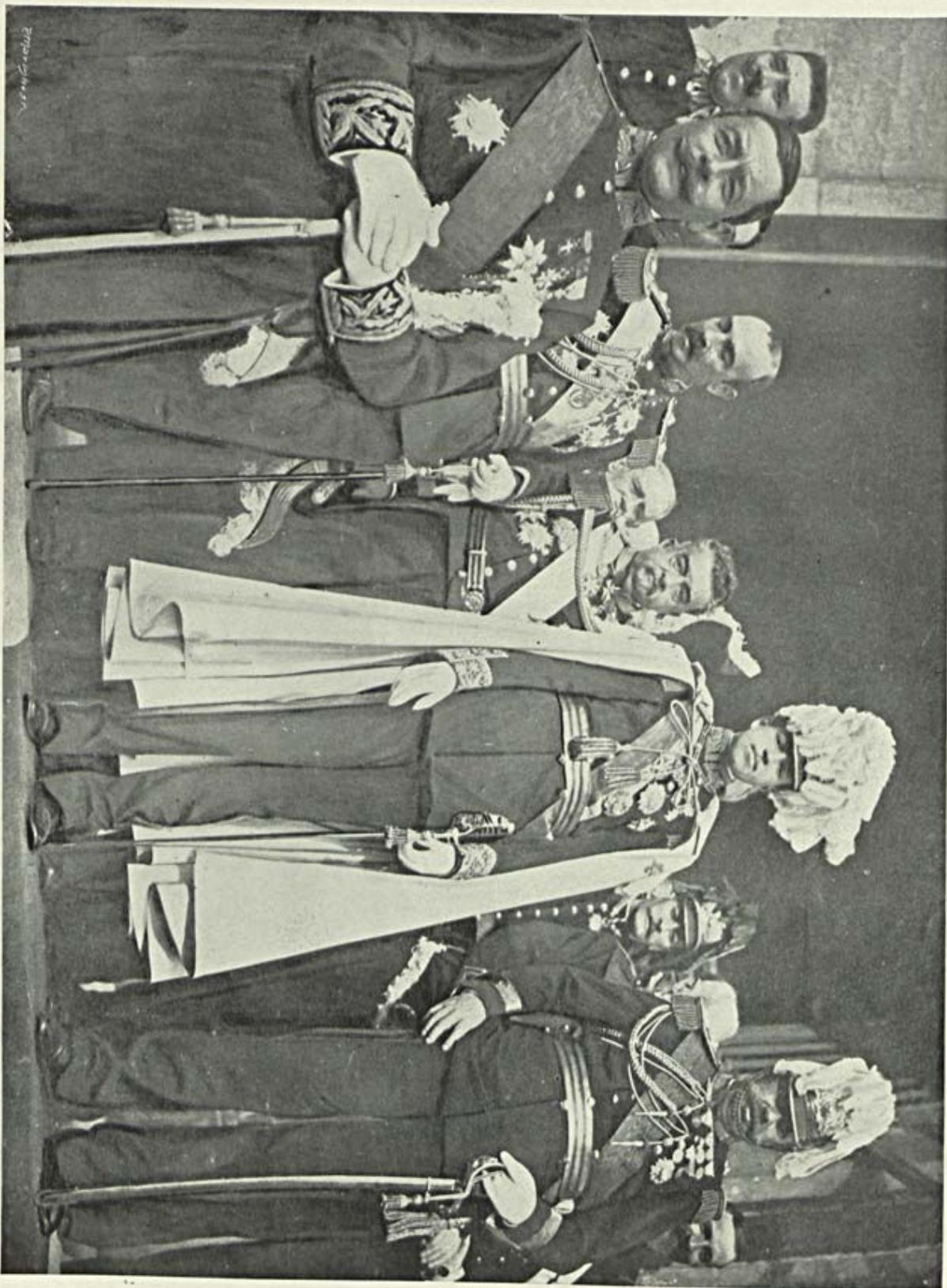
Nem este idealismo tem obstado a que a Allemanha seja uma das nações mais praticas que se conheça na lucta pela existencia. Talvez por essa razão Emilio Souvestre dizia chistosamente, que na grande nação tudesa *o enthusiasmo do espirito se allia perfeitamente á actividade do estomago*, e que Werther, em suas mais profundas maguas, jámais esquecera a hora do seu jantar.

E' isto que nós latinos quasi ignoramos em geral e que já é tempo de aprofundarmos por um estudo mais consciencioso d'aquella nação.

Abandonando quanto antes esta pequena digressão, que nos levaria longe em um outro dominio do espirito, estudaremos agora a grandeza allemã debaixo de outros aspectos mais praticos e economicos, encarando as suas forças productivas e os seus agentes de expansão.

Corre como certo que, logo após á rendição de Metz, o Principe Frederico Carlos da Prussia, dirigindo-se aos officiaes allemães pronunciára as seguintes palavras: *Acabamos de vencer o inimigo no terreno militar; trata-se agora de combatel-o no terreno industrial!*

Na verdade a Allemanha se tem esforçado para realizar aquelle patriótico *desideratum*. Desde os meus primeiros passos na vida real fuialli testemunha ocular d'esse crescen'e desenvolvimento mo-



Proclissão do Corpo de Deus. — No arrio da St. — Et-Rei D. Manuel II, o Senhor Infante D. Affonso, conselheiros Ferreira do Amaral, Augusto de Castilho e Sebastião Telles, Marquez de Fajal, capitão Sobral, etc.

ral e material, que transformou aquella nação, antes essencialmente agrícola, em grande potencia industrial.

Os allemães ha muito já se servem da expressão — *Veltwirthschaft* — que traduz exactamente o pensamento moderno de economia mundial.

Graças ao seu poder industrial e á sua força de expansão, graças egualmente ás suas iniciativas ousadas e aos numerosos meios e

Cumpr-me, entretanto, dizer, antes de tudo, que esses *modernos artificialismos* economicos que se indicam aos processos do commercio allemão acham-se perfeitamente apoiados em solidos fundamentos, porque antes da noção e protecção officiaes, dos *dram-barchs*, *cartallon* e *syndicatos*, já existia essa admiravel iniciativa individual, uma das fontes principaes da grande prosperidade da Allemanha.

Exercicios militares no hypodromo de Belem

Revista d'instrucção á primeira brigada de cavallaria



El-Rei, o Senhor Infante D. Afonso e o estado maior a caminho do hypodromo

agentes capazes de levar as suas variadas mercadorias aos quatro cantos do globo, a Allemanha ponde attingir essa invejavel situação de riqueza que em menos de quinze annos ponde elevar o seu commercio exterior de nove a quinze milhares de francos.

E' verdade que as suas extraordinarias condições economicas foram seriamente abaladas ha sete annos atraz por occasião da grande crise de 1889, que rebentou de subito, quando maior parecia o desenvolvimento das suas forças industriaes e financeiras. Entretanto, a Allemanha conseguiu logo depois readquirir a sua situação de relativa predominancia economica e o seu mercado interno recuperou quasi inteiramente o antigo equilibrio, verificando-se ao mesmo tempo que a sua força expansiva não experimentára diminuição apparente.

Ainda ultimamente a *Revista Economica Internacional* trazia um importantissimo artigo sobre os processos da Allemanha, os processos por ella seguidos nas conquistas dos mercados, e o grau de artificialidade economica attribuida aos meios empregados para auxiliar as suas industriaes e o seu commercio.

A organização commercial da exportação é das mais complicadas e começa pelo estudo do paiz para onde deve dirigir-se. Quasi sempre o chefe da firma ou um dos auxiliares o conhecem pessoalmente. Sabem-lhe a fundo a lingua, costumes, situação economica e as suas necessidades, e tornam-se assim esses agentes utilissimos, que se encontram hoje por todo o mundo e que os inglezes designam com o *the man on the spot*. E é graças a esse systema que a Allemanha occupa o logar proeminente no commercio mundial, como tive occasião de verificar pessoalmente na Belgica, na Bolivia e no Paraguay, onde exerci o meu posto diplomatico, e ninguem ignora a acção benelica que entre nós exerce a energia e a expansão germanica, que começou a destronar muitas competencias rivaes.

A primeira questão quando se pensa em dar sahida a determinado producto é saber a que terra póde convir. Cumpr averiguar depois em que proporção é empregado, porque só assim poderão regular-se



Revista d'instrucção á primeira brigada de cavallaria. — *El-Rei passando revista á brigada*



Revista d'instrucção á primeira brigada de cavallaria. — *Uma carga*

as despesas da venda, naturalmente elevadissimas. Não basta, em geral a *réclame* por annuncios, catalogos e amostras, e por isso o commercio allemão de exportação sustenta um verdadeiro exercito de representantes e caixeiros viajantes espalhados pelo mundo inteiro para receber encomendas e fazer compras ao mesmo tempo. Alem d'isso a séde da firma sustenta um mecanismo de empregados competentes, que conhecem as linguas estrangeiras, e os pormenores do commercio internacional.

Se um paiz ou um logar rende e garante certo numero de encomendas, e os negocios promettem maior desenvolvimento, o viajante occasional é substituido pelo representante fixo, a quem incumbe trabalhar o mercado com redobrada energia.

A principal razão dos grandes resultados obtidos pelo commercio allemão de exportação consiste na harmonia que reina entre o industrial e o negociante. A maior parte das mercadorias não são directamente expedidas para o estrangeiro pelo fabricante, mas passam pelas mãos de exportadores e commissarios. Se algumas excepções se notam ás vezes a essa regra, quando se trata de paizes limitrophes, muito diversa é a situação no tocante a mercados de além-mar, onde a exportação depara com grandes e numerosos riscos, exige muitas precauções, habilidade commercial e experiencia tão consummada que, para chegar a bom termo, faz-se mistér do especialissimo estudo e dilatados annos de pratica. O fabricante com casa importante para dirigir technica e financeiramente raras vezes dispõe de forças e capitaes para ir em busca de mercados, quasi sempre bastante afastados.

É, sobretudo, nas pequenas explorações e nas de mediana importância que o facto mais se affirma: o que se verifica, considerando

certo numero de industrias allemãs, cujos artigos são principalmente destinados á exportação.

O recenseamento industrial de 1895 chama *pequenas* explorações as que não empregam mais de cinco pessoas; *medianas*, as que occupam de seis a cincoenta operarios, e *grandes*, as que dão trabalho a mais de cincoenta individuos.

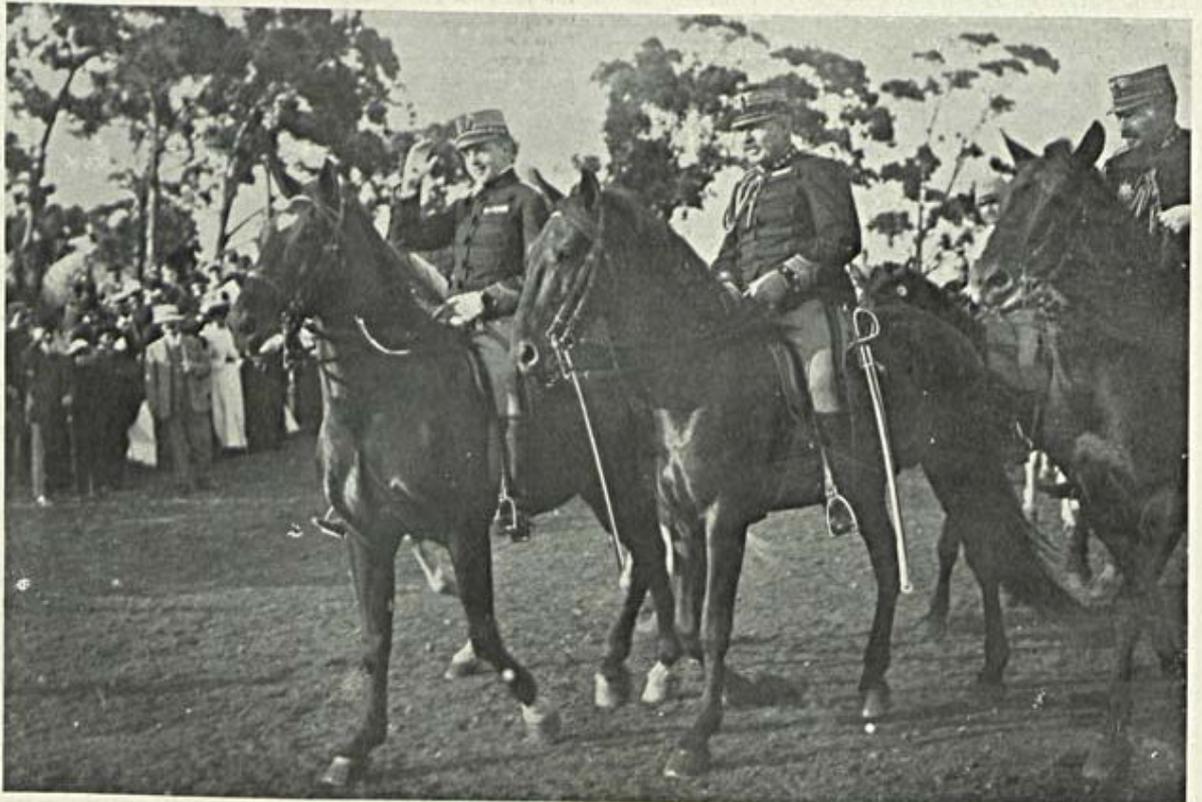
Segundo esta classificação, n'aquelle anno havia, por exemplo, na industria metallurgica 87.572 explorações pequenas e 12.187 medianas por 1.522 grandes explorações, repartidas respectivamente entre as industrias de exportação, como sejam, entre outras, as da tecelagem de lã, de seda, de linho e outros filamentos; na fabricação de obras de malha; na passamanaria; na relojoaria e outras.

É preciso notar que a maior parte, se não todos os fabricantes e industriaes, se limita á sua exploração interna e não se abalança directa e imprudentemente á exportação longinqua.

E' n'estas circumstancias que intervem o commissario ou o commerciante-exportador, o qual por seu lado não se dedica a industria alguma a não ser a collocação de productos allemãs no exterior.

Insistiremos sobre este ponto porque temos ainda presente á memoria as apaixonadas discussões na nossa imprensa, nas Camaras Legislativas e mesmo no nosso Congresso Economico do Rio de Janeiro a proposito da muito debatida questão da valorização do café, assumpto este cada vez mais palpitante e que, qual *abyssmo de Pascal*, está fazendo perder a tramontana aos nossos patrios, ameaçando agravar a crise, para mim passageira, com a quebra do padrão monetario, precisamente quando a nossa moeda já estava a mais de meio caminho de ser saneada.

Razão tinha o nosso distincto economista, Dr. Vieira Souto, de



Revista d'instrucção á primeira brigada de cavallaria. — *El Rei, o Senhor Infante D. Affonso e o ministro da guerra, passando revista aos bivaques*

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XLVII

Ser empregado publico e não ir á repartição. A ambição do portuguez. Considerações varias. A proposito dos nove feriados de junho. — A transferencia da feira de Alcantara para o Alto da Avenida da Liberdade. O eterno exemplo lá de fóra. — Morte de Paulo Plantier. O excentrico bric-a-braquista e gastronomo. O seu feitio. A sua paixão pelas flores. Uma aneddotica. — A proposito de mendicidade e potifarias correlativas. O que não fez a policia. Uma aneddotica de Henriot.



izia aquelle bom e saudoso Julio Cesar Machado que o portuguez tinha duas aspirações: a primeira, ser empregado publico; a segunda, não ir á repartição.

Tinha razão, o bom Julio. A burocracia é, effectivamente, o sonho doirado do bicho homem portuguez. Que digo eu? Do bicho homem? E da bicha mulher, tambem. E' ver a quantidade de senhoras empregadas nos correios e telegraphos. Ah! ahí tem o feminismo feito conquistas estupendas. As senhoras chefes de estação telegrapho-postal contam-se por centos. Sem falarmos nas famosas apalpadeiras aduaneiras que creio serem tambem em numero muito elevado.

Todo o bicho careta pretende comer, ter talher certo á meza do orçamento. E' uma vesania que passa de paes para filhos, para netos...

— O que me convinha era um logarsito que desse um conto e duzentos por anno...

— Quem dera!

— Com a obrigação de lá não ir!

— Isso!...

— Isso?!... Ora essa, seria algum caso virgem? Quantos conheço eu n'essas condições. Fulano, Cicrano, Beltrano... Ora, tivesse eu padrinhos, que não morria moiro.

Estes são os filhos familia que perderam o anno, com pae sem bengala e mamã complacente. Outros ha, porem, mais antipathicos: os que tendo aprendido um officio, e que vivendo por elle honradamente, se envergonham do seu mister e põem olhos cupidos no seio devastado e dessorado da burocracia.

— Isto de ser carpinteiro, ou marceneiro, ou entalhador, é uma pelintrice. Nunca se passa da cepa torta. Sempre os mesmos tostões muito chorados e ganhos com o suor do nosso rosto. Ao passo que os empregados publicos... Ah! o que calhava era ahí um logarsito que rendesse oito tostões, entrar ás onze, sahir ás quatro... Isso é que dava a conta!

A quem não terá succedido em noites placidas de verão, ir a passeio pelos discretos bairros burguezes da cidade, ouvir trechos de

Visita do Senhor D. Manuel II ao Hospital de S. José



Na cerca do hospital
El-Rei e o sr. conselheiro Curry Cabral

conversa, da janella para a rua, entre Julieta de blusa cõr de rosa e Romeu de chapéu de côco:

— Se arranjasses um empregosinho...

— Isso, dá cá uma espingarda...

— Ora, os empregos são para gente.

— Pois são. E eu cá ando furando e a minha mãe e a minha tia e uma senhora que vae lá a casa e que é muito de uma familia que se visita com uma comadre de um conselheiro que é primo do secretario do ministro da fazenda.

— Ai, então é quasi certo!

— Eu assim contio.

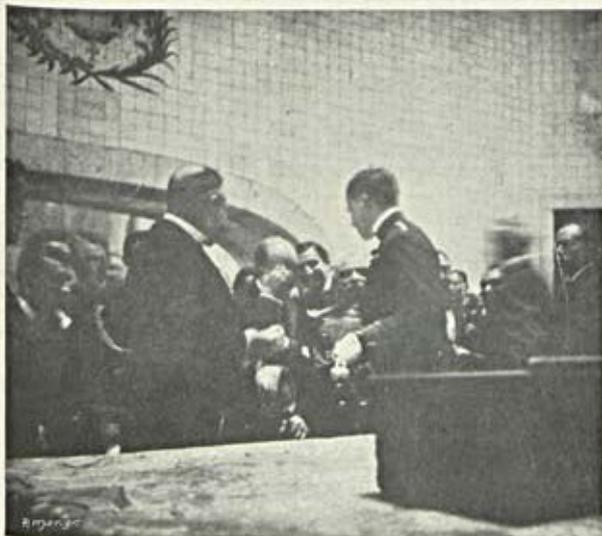
— Se assim fosse!... Como nós seriamos felizes! Tu com um empregosinho de dez tostões ou um quatinho por dia! Eramos uns reisinhos pequenos! Ai, Raul!...

— Ai Delovina!...

Mal julgará, porém, quem suppuzer que o portuguez almeja um amanuensado ou outra qualquer situação burocratica apenas pelos proventos que, como se sabe, são parcos. No fundo, elle suspira por essa collocação pela importancia social que lhe attribue e porque está absolutamente convencido de que gosaria uma ditosa vida de madraço, com a perna estendida debaixo da secretária, com a cabeça encostada á mão, dormitando... E ainda, e muito especialmente, por causa dos feriados, esses tão invejados feriados que permitem a uma pessoa virar-se para a parede á hora habitual de levantar para ir á obrigação e o ordenadinho a correr...



Visita do Senhor D. Manuel II ao Hospital de S. José. — El-Rei sahindo do laboratorio



Visita do Senhor D. Manuel II ao Hospital de S. José
El-Rei provando a comida

Ser empregado publico — e não ir á repartição... eis a grande questão!

Veiu todo este arrasoado a proposito do mez que findou, o loiro junho, que generosamente concedeu ao burocrata nove dias feriadós. Mais uma vez a imprensa diaria, em remoques e satyras de gazetilha, se atirou ao pobre *manga de alpaca*, flagellando-o por causa de feriados que elle não determinou, por todas as razões e ainda mais esta: porque se tal attribuição lhe coubesse, elle não se teria permitido apenas nove dias de gazeta ás repartições mas, pelo menos, dezoito.

Foi um mez cheio, este junho que findou, para os empregados publicos. Foi completo de mascotte! Até lhes pagaram os ordenados a 20. O peor, porém, é que por essa circumstancia julho terá 40 dias... todos uteis com excepção dos quatro domingos. Se isto souberem os eternos aspirantes a burocratas, talvez ficassem com horror ao emprego publico. Pelo menos até o dia 1 de agosto.

..

Anda muito reclamada na imprensa diaria uma resolução da camara municipal de Lisboa, permitindo a transferencia da feira de Alcantara para os terrenos destinados ao parque Eduardo VII, no alto da Avenida da Liberdade. E pretende-se justificar a medida, que traz para um dos mais lindos e *chics* pontos da cidade uma feira horrenda, com o eterno «que se faz lá fóra». E cita-se Paris...



Visita do Senhor D. Manuel II ao Hospital de S. José
Na enfermaria de Santa Joanna — Uma doente de mãos postas, dirigindo-se a El-Rei: — Coitadinho, Deus queira que seja mais feliz do que seu pae...

Mas entendamo-nos. Se é certo que a edilidade parisiense consente, em pontos nobres da grande capital, uma feira, coisa que ninguém contesta, não é menos certo que essa feira não é precisamente uma miséria, uma immunda exhibição de farrapos, como a nossa desgraçada feira de Alcantara.

Compreender-se-ia a resolução da camara, e applaudir-se-ia, se ella implicasse o estabelecimento de condições muito especiaes para a concessão de licença para levantamento de barracas, exigindo-se

limpeza, decencia e algum bom gosto para que esse singular e pittoresco mercado não destoasse do local, como um barril de lixo no centro de uma sala.

Mas a camara, segundo o extracto da sessão em que deferiu a pretensão dos feirantes a que alludo, fez a concessão liberrimamente, não curando do decoro dos seus proprios habitantes. A camara permittiu a transferencia de uma immundicie para o coração da cidade, mostrando uma boa vontade que não tem evidenciado na remoção do lixo que peja as ruas.

Cumpre-nos acatar a resolução tomada pela ex.^{ma} camara, como



Visita do Senhor D. Manuel II ao Hospital de S. José
Visitando as enfermarias

é proprio de bons cidadãos obedientes a quem pode mandar; mas, naturalmente, corre-nos tambem o dever de não concorrer ao degradante espectáculo. Ficaremos em casa. Os feirantes não perderão muito, é certo; mas a gente ganhará pelo menos a certeza de sentir sobre os hombros uma cabeça, no meio de tanta cabaça...

..

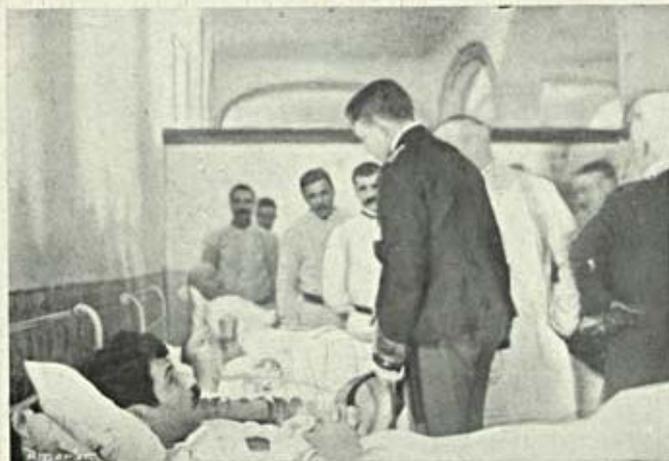
Estava já na typographia o meu ultimo artigo, quando correu em Lisboa a noticia da morte de Paulo Henry Plantier, o Plantier da rua do Ouro, que toda a gente conhecia pelo menos de vista.

Foi um homem muito singular, esse Paulo Plantier. Era um excentrico, d'aquella raça de excentricos que se podem aturar: era assim porque nascera assim. Facilmente irascivel, era, no fundo, uma excellente creatura, incapaz de fazer mal a alguem. E era um gentil espirito de artista, tendo devoção pelo bric-à-brac, pela pintura, pelas faianças, pelas joias, pelos esmaltes, pelo mobiliario... Passou a vida comprando, vendendo, trocando, tornando a comprar, tornando a vender, tornando a trocar... Mas a sua grande paixão era a jardinagem: os seus amores eram as rosas, que ninguém tinha como elle. As rosas do Plantier! As famosas rosas d'essa linda quinta do Pom-bal, na Outra Banda, onde annualmente o seu bizarro e excentrico proprietario dava uma festa que era das mais *chics*, das mais encantadoras festas a que temos assistido.

Gastronomo a valer. Comia bem e muito bem; isto é, comia muito e bom. Lisboa não tem um restaurante, um hotel, uma simples casa de pasto que o Plantier não tivesse frequentado.

— Onde se come agora regularmente, Plantier?

— Olha você: ha um pargo assado no Vigia, que é uma delicia.



Visita do Senhor D. Manuel II ao Hospital de S. José
Dirigindo palavras de consolação aos doentes

Visita de El-Rei ao Real Collegio Militar



Recebendo El-Rei

Mas é só o pargo assado. O resto é uma bermudanga, que só dando com tudo na cara d'aquelles canalhas!

— Com que então o pargo assado...

— Sim, no Vigia. E sopa de rabo de boi no Leão de Ouro. Também fazem regularmente a de marisco com azedas, vamos lá! Mas mais nada. Ha dias ia perdendo lá a cabeça e não sei como não parti a louca toda á bengalada.

— Bem, havemos de ver essa sopa de marisco...

— E coma você pato com arroz na Estrella d'Ouro. Mas não caia em pedir mais nada. Não imagina o que aquillo é. Um dia d'estes, se o creado não me foge, enfiava-lhe uma cadeira pela cabeça...

Pobre Plantier!

Contou-me Raphael Bordallo Pinheiro uma engraçada anedota d'elle, que dá bem a ideia do genio especialissimo de Plantier.

Um escriptor muito conhecido, creio que Carlos de Moura Cabral, offereceu-lhe uma photographia sua.

Plantier chega á loja, recebe a photographia, põe o monoculo e desata aos urros...

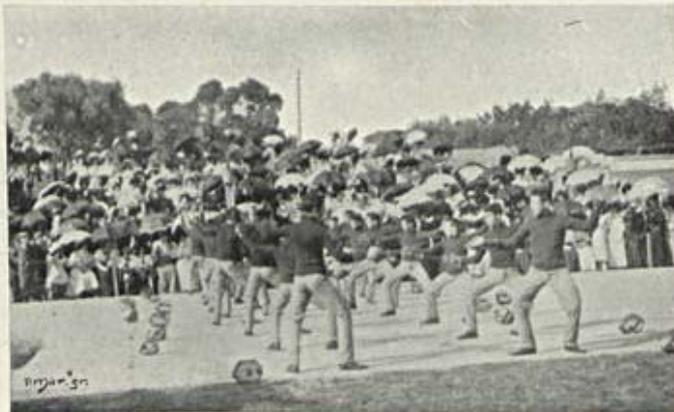
la entrando Raphael Bordallo.

— Que tem você, homem?

— Que tenho?! Pergunta você o que tenho?! Pois você não vê que este maroto faz-me a desconsideração de me offerecer um retrato que tirou com o chapéu na cabeça!

Partem de todos os cantos as reclamações contra a mendicidade que pulula nas ruas da capital, desenfreadamente, sendo as creanças as principaes victimas d'essa monstruosidade. E, naturalmente, os reclamantes viram-se para a policia, pedindo providencias — como se a policia não tivesse mais que fazer. O que ella tem que fazer, não sei; mas lá que é coisa urgente e de importancia, isso é que não sofre duvida.

Porque, verdade, verdade, com as coisas minimas não se preoccupa ella. As illustres varinas conduzem as suas fedorentas canastras pelos passeios das ruas, entornando salsas ondas sobre os desgraçados que passam; o palavrão é livre a toda a hora sem attenção alguma pelos ouvidos castos de quem não seja surdo; das janellas sacodem-se tapetes e roupas de cama precipitando encantadoras pulgas sobre o viandante; a praga dos cautelleiros insolentes é verdadei-



Visita de El-Rei ao Real Collegio Militar
Exercicios de esgrima

ramente pavorosa; a da mendicidade é o que se sabe; e dos gatunos será melhor não fallarmos.

Entretanto que faz a policia? Agora, que o Albano está morto e todos os anarchistas (?) estão presos, que faz ella? Mysterio! Aparte o mister de dar para baixo, funcção permanente de que ella nunca abdicará, a policia não faz mais nada ou faz alguma maldade, tanto ás escondidas vae operando...

Para nos chegar a roupa ao pélo, achamos gente de mais e que a corporação é cara. Mas emfim, consolemo-nos com a convicção de que lá fora a policia também não serve para outra coisa e custa, como cá, um dinheirão.

A proposito lhes conto uma anedota do espirituosissimo Harriot, na *Illustração* franceza hontem chegada. E' a historia de um policia francez, assim contada:

«Sou o decano dos policias. Tenho apenas 50 annos e estou cheio-sinho d'isto até aos olhos! Estreei-me em 1870, aos 21 annos, como policia, espantando os que então gritavam: — «Viva a liberdade!» — Depois, no 4 de setembro, bati nos meus amigos, que gritavam — «Viva o imperador!»

Thiers aconselhava-me a que poupasse os que berravam «Viva a Republica!», mas que chegasse a roupa ao pélo aos que bradavam «Viva o Rei!» A Comuna tomou-me ao seu serviço. Foi-me preciso, sob pena de morte, caso procedesse contrariamente, espancar os que gritavam — «Abaixo a Comuna!» Bati mais tarde nos que rugiam — «Viva Boulanger!» e logo a seguir tive que zurzir os que chiavam: — «Abaixo Boulanger!» A minha fidelidade ás instituições enchiame de coragem: mas, por vezes, aconteceu-me espancar cidadãos que no dia immediato tinha de defender.

Assim foi por Zola, por Dreyfus! Bati nos que bradavam — «Viva Zola! Viva Dreyfus!»; e ha dias, no Pantheon, corri á sabrada os que gritavam: «Abaixo Zola! Abaixo Dreyfus!»

Tenho as mãos inchadas de dar tanta bordoadá! Nunca ninguém



Visita de El-Rei ao Real Collegio Militar

El-Rei, o sr. ministro da guerra e o sr. general Craveiro Lopes, assistindo aos exercicios

saberá n'um dia em França quaes os que no dia seguinte tem de apanhar a sua conta!

Assim, tendo a consciencia de que cumpri religiosamente os meus deveres, retiro-me á vida particular e vou escrever as minhas memórias.»

Cá e lá, mais policia ha.

CAMARA LIMA.

N'UM ALBUM

Sylvia

Entras agora na vida.
Toda risonha, cantando.
Eu fico na sombra, esp'rando
Pela hora da saída...

Navegámos rumo opposto:
Tu em busca do Nascente,
E eu, muito pausadamente,
No caminho do Sol-posto...

Rio de Janeiro, Maio de 1908.

Pepe Mysterio.

O heroe dos Dembos

De entre os officiaes da geração nova destaca-se já com refulgente brilho, com especial relevo, a figura insinuante, viril e energica de João d'Almeida, o vencedor dos Dembos.

Nome aureolado na vastidão immensa dos sertões africanos por memoraveis feitos em que transpareceram scintillantes fulgurações de genio, João d'Almeida affirmou-se em pouco tempo uma individualidade de incontestavel valor, que illustra o exercito portuguez e faz o orgulho da arma de infantaria, que se ufana de o contar no numero dos seus mais dilectos officiaes.

Esboçar, embora a traços largos, a biographia de tão distincto militar, é tarefa superior ás nossas forças.

Se o artista, ainda o mais conhecedor das regras da esthetica, encontra difficuldades em accentuar bem na tela a verdadeira ex-



Capitão João de Almeida
O heroe dos Dembos

pressão do character que lhe serviu original, mui superiores serão as nossas difficuldades em frisar os traços mais caracteristicos do capitão João d'Almeida, essa compleição nervosa, essencialmente activa, avida do movimento que prepara o successo, sequiosa de feitos heroicos, que abrem o caminho da gloria, essa psychologia curiosa, verdadeiro mixto de rudeza e bondade, de rijeza e malleabilidade, difficil de descrever, mas facil de comprehender logo que se fixe bem a sua physionomia franca e altiva, insinuante e energica.

Completando com notavel distincção o curso do estado maior em 1903, João d'Almeida anceava por uma commissão de serviço que lhe permittisse dar largas á sua extraordinaria actividade, ao seu fogoso temperamento de trabalhador incansavel e productivo.

A monotonia do serviço pautado da metropole não se coadunava com o seu feitio, sobremaneira irrequieto, cheio de acção, de movimento, de vida.

O continente africano com a sua perspectiva de luctas gentlicas, onde a coragem individual se evidenciava, a par e passo com outras qualidades e aptidões de commando, fascinava-o, attrahia-o irresistivelmente.

Deparou-se-lhe o ensejo azado; a 30 de janeiro de 1906 desembarcava em Loanda, passando, desde logo, a exercer o cargo de sub-chefe do estado maior da provincia.

A sua actividade manifestou-se immediatamente elaborando com a maxima rapidez a carta itineraria dos districtos de Huilla, Benguella e Mossamedes, de indiscutivel utilidade por interessar as regiões das provaveis operações militares dos Cuamatas, Cuanhamas e Evales.

Pouco depois, investido já no importante cargo de chefe do estado maior da provincia, organisou a estatistica militar d'Angola, trabalho verdadeiramente interessante pelos valiosos elementos que

continha e pelas suas preciosas indicações logicamente deduzidas, muitas das quaes tiveram uma consagração pratica immediata, tão alto falaram e tão decisivamente se impozeram á consideração do governo os argumentos adduzidos pelo talentoso official.

Outro militar illustre a quem a patria rendeu já o preito da sua sincera homenagem, o valoroso Roçadas, offereceu-lhe o logar de chefe do estado maior da columna de operações do Cunene.

João d'Almeida aceitou o honroso cargo em que desenvolveu a mais intelligente actividade, não perdendo occasião de dar provas da sua grande coragem, como succedeu na passagem d'aquelle rio em 29 d'agosto de 1906, sendo o primeiro a transpôr o Cunene á testa da 11.ª companhia indigena de Moçambique e a occupar o alto Encombe, não obstante a hostilidade dos cuamatas.

No combate de 1.º de setembro desempenhou um papel importante, evitando pela oportuna intervenção da 11.ª companhia que os dragões fossem cortados e, porventura, esmagados pelas forças do gentio.

Todos estes serviços foram galardoados com o louvôr official, por tantos motivos plenamente merecido.

Para facilitar o proseguimento das operações, João d'Almeida dirigiu tambem a construcção d'uma ponte de cavalletes com 140^m de extensão sobre o Cunene e superintendeu na abertura d'um canal de 2 kilometros de extensão, que permittisse a navegacão de lanchas canhoheiras até ao reducto Moçambique.

Nos curtos periodos de treguas foi encarregado de missões politico-militares ao Cuanhama, ao Cuamato, e ao Evale, tornando-se notavel o reconhecimento realizado ao paiz dos Evales, entrecortado de episodios accidentados e perigosos, podendo assegurar-se que João d'Almeida e a sua escolta deveram milagrosamente a vida á coragem, decisão e recursos de intelligencia d'este denodado official.

Depois das operações e razias de Pocolo, Mucuno, Jáu e Batabato, de cuja região organizou uma carta topographica, foi estudar e estabelecer uma linha de etapas de Mossamedes ao Cunene, vantajosa e posteriormente utilisada na campanha de 1907.

Seguidamente foi encarregado do reconhecimento do paiz dos Dembos, que conseguiu realizar por entre mil perigos e innumeradas difficuldades que puzeram em constante risco a sua vida.

Este reconhecimento serviu de base para aquelle official elaborar o plano de operações á região dos Dembos, plano que mereceu completa approvação do governador Paiva Couceiro, ancioso de fazer bater e submeter antes da época das chuvas, o gentio rebelde á nossa soberania desde 1872.

Os grandes preparativos da expedição ao Cuamato, que absorveu os principaes elementos em pessoal e material, não impediram Paiva Couceiro de ordenar quasi simultaneamente a expedição aos Dembos, collocando á testa da pequena columna organizada o intrepido João d'Almeida que com a sua grande alma de portuguez de rija tempera, com a sua indomavel coragem, com o seu imperturbavel sangue frio e com os recursos da sua lucida intelligencia, soube supprir as lacunas que a deficiencia dos meios deixára na constituição inicial d'essa columna de meio milhar de homens com quatro bocas de fogo.

Só a tenacidade d'um chefe da envergadura de João d'Almeida poderia conduzir perfeitamente disciplinado e animado de espirito patriotico sob a acção d'um calor tropical ardentissimo, por caminhos e desfiladeiros ericados de perigos, esse punhado de homens que elle soube tornar verdadeiros heroes em successivos combates, nos quaes o lustre das armas portuguezas sempre se affirmou galharda e gloriosamente.

Sob a acção vigorosa de João d'Almeida, a região foi toda submettida ao dominio portuguez, construindo-se cinco fortes para maior garantia d'esse dominio.

O bravo João d'Almeida pagou o tributo exigido a todos os valentes: um ferimento de bala no braço esquerdo attesta exuberantemente que elle, como chefe da expedição, soube dar o exemplo pela patria, não se subtrahindo aos perigos, antes correndo sempre ao ponto em que a sua presença se tornava indispensavel, para serem superadas todas as difficuldades d'esta arriscada empreza.

O maior elogio de João d'Almeida encontra-se n'essa unanimidade de ovações, de justa apothese que toda a imprensa d'Angola e da metropole dispensa ao illustre vencedor dos Dembos.

A synthese de todos os louvores que a burocracia official pôde produzir, resumiu-a o governador Paiva Couceiro, depois de avaliar justamente os serviços prestados por João d'Almeida, firmando uma proposta para a promoção d'este official ao posto de major por distincção.

Para quem conhecer a tempera moral e a integridade de character de Paiva Couceiro, aquella proposta constitue o maior elogio do capitão João d'Almeida.

Regressando á patria com o seu nome aureolado por esses clarões de gloria que irradiam dos seus feitos illustres, João d'Almeida vem encontrar em todos os labios portuguezes uma saudação entusiastica, vibrante, imponente, que encherá de jubilo a sua grande alma de patriota.

O exercito festejará um dos seus mais distinctos e corajosos officiaes; a infantaria exultará por vêr condignamente recompensado um irmão de armas, cuja reputação ficou definitivamente affirmada pela gloriosa campanha dos Dembos, e o estado, promovendo-o por distincção, saldará uma divida de honra que o ferimento de João d'Almeida tornou duplamente sagrada.

Adriano Bessa.
Major d'infantaria.



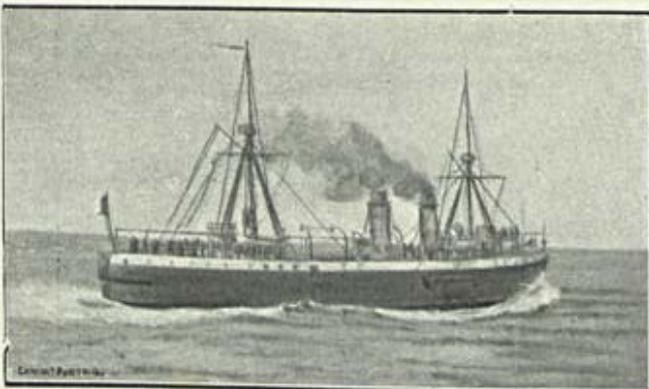
Capitão de fragata Nunes da Silva

*Commandante do cruzador « D. Amelia »
que vai ao Brasil representar o nosso paiz nas festas
da Exposição do Rio de Janeiro*

Vae por estes dias deixar o nosso porto em demanda do do Rio de Janeiro o cruzador *D. Amelia*.

N'aquella imponente bahia, a mais vasta do mundo, vae fluctuar a bandeira portugueza, ante a qual vibram de amor e de saudade pela patria os nossos irmãos que lá a nobilitam pelo trabalho. E a bandeira brasileira vae saudar, á sua chegada, aquella que conquistadora e gloriosa foi a primeira que tremou nos mares do Brasil.

A commandar um luzido estado-maior vae dentro d'esse cruzador um dos mais brilhantes officiaes da nossa armada, que dos ministros da marinha e dos estrangeiros leva instrucções para a alta missão que foi chamado a desempenhar. Portador de um brinde que



O cruzador "D. Amelia"

ao Presidente da Republica do Brasil offerece o Rei de Portugal, desdobra-se n'uma missão diplomatica a commissão naval que foi commettida ao sr. capitão de fragata Nunes da Silva.

Compõem o estado-maior do cruzador além do commandante:
Immediato — Capitão-tenente Antonio da Costa Rodrigues. Offi-

ciaes de guarnição — 1.º tenente Antonio Pinheiro Silvano, 1.º tenente Eduardo José de Abreu Oliveira, 2.º tenente Marcellino Carlos, 2.º tenente Carlos de Souza Leal, 2.º tenente Alvaro Cardoso de Mello Machado, Instructor dos aspirantes — 1.º tenente Ermelindo da Silva Carvalho, Medico de 1.ª classe — Samuel Augusto Pessoa. Machinista naval de 1.ª classe — José Joaquim Gomes de Barros. Machinista naval de 2.ª classe — Adriano da Silva Fernandes. Machinista naval de 3.ª classe — Alfredo de Barros Machinistas-conductores de 3.ª classe — José Nunes de Seixas e Jayme da Trindade.

Seguem a bordo os aspirantes de marinha que vão em viagem de instrucção:

Fernando Fabio Teixeira Diniz, Henrique Owen Pinto, Fernando Oliveira Pinto, Mario de Senna B. do Nascimento, Fernando Perestrello Botelho, Luiz Augusto Mattos e Castro, Carlos Frederico Elston Dias, Francisco Penteado, Eugenio de Barros Soares Branco, Raul Cesar Ferreira, Eduardo Augusto de Azevedo Vasconcellos, Arthur Leonel Barbosa Caramona, Rodolpho Trindade, José Duarte Junqueira Ratto, Jayme Santos Cunha Gomes, Fortunato Pires da Rocha e Sebastião Neves da Silva Monteiro, o guarda-marinha Fernando Henrique Alves de Sousa, o aspirante a machinista naval Eduardo Marques Correia e o aspirante da administração naval Anibal Covacich.



LIVROS

Pela Republica

N um volume de cerca de 500 paginas reuniu o dr. Bernardino Machado, sob o titulo acima, os discursos que sobre assumptos diversos pronunciou de 1906 a 1908. E esse livro dedica-o o antigo professor da Universidade aos que lhe promoveram no dia 28 de julho a calorosa manifestação de sympathia e applauso que a imprensa então registou.

Vê-se ao ler agora esses nomes na primeira pagina do volume, que nem todos são de republicanos, e isso basta para constatar as sympathias que em todas as classes da sociedade portugueza, qualquer que seja o credo politico em que militem, o doutor Bernardino Machado tem conquistado n'uma vida de trabalho e de lucta. Merecem sempre das pessoas sensatas e sinceras, sejam quaes forem as opiniões politicas que as dividam, aquelles que põem conjunctamente na defeza e na propaganda de uma ideia o talento e o caracter.

Consolador nos é fixar este criterio no *Brasil-Portugal* quando vemos em volta de nós deprimir com injustiças e doestos os nossos homens de valor.

O livro *Pela Republica*, editado pelo auctor, sahiu das officinas França Amado, de Coimbra.

A Concentração Monarchica

E' um folheto, tambem do dr. Bernardino Machado, reproduzindo o artigo *A Concentração Monarchica*, que quando publicado em alguns jornaes fez accusação pelos principios avançados que proclamava e defendia, especialmente acêrca do regicidio de 1 de fevereiro.

Factos e homens do meu tempo — *Diccionario Bibliographico Portuguez*

Caminhando para os 80 annos, o sr. Brito Aranha, velho pioneiro da imprensa, dá exemplos de actividade mental e de trabalho litterario a todos os novos. Esta qualidade poderosa, a ampla faculdade de trabalhar e produzir, parece ter sido apanagio das gerações que ao nascer precederam a nossa e são nossas contemporaneas.

Ha pouco ainda Bulhão Pato, octogenario, dava-nos um livro novo de versos, nos quaes atravez de todas as vicissitudes e amarguras de tão longa vida faz vibrar um espirito sempre moço, apto para transmitir aos menos sensiveis as proprias sensações.

Agora apparece-nos Brito Aranha com o 2.º tomo dos *Factos e homens do meu tempo*, ornado com retratos e fac-smiles, e publicado pela livraria Antonio Maria Pereira.

Este volume, como o primeiro, que appareceu o anno passado, tem por subtítulo *Memorias de um jornalista*. E verdadeiras memorias são, porque desfilam por essas palavras ao sabor da memoria e da saudade nomes d'aquelles com que o auctor conviveu, acontecimentos que presenciou ou em que tomou parte, ou que foram sujeitos á sua analyse e ao seu sentimento. E' por isso um livro vivo, porque tambem os mortos são chamados á scena resurgindo do tumulo e do esquecimento na evocação saudosa d'este contemporaneo e amigo de todos elles, ou de quasi todos.

Duas grandes figuras, uma de Portugal e outra de França, as que nas suas nacionalidades mais illuminaram o seculo que findou, enchem as paginas d'este livro: Herculanero e Victor Hugo.

A' memoria de ambos, que nessas paginas tem homenagem condigna, consagra Brito Aranha palavras repassadas da mais alta admiração, e de um saudoso enternecimento todas as vezes que recorda

a influencia que tiveram no seu espirito, na sua estima pessoal ou na sua educação litteraria e civica, e sob o ponto de vista de esclarecimentos e pormenores é de uma abundancia tão util que torna esse livro um precioso repositório onde mais tarde vão colher dados interessantes os que queiram estudar o caracter, a vida, a influencia, e as homenagens que dos seus contemporaneos receberam os dois vultos que honraram os dois paizes.

O Anti-Christo

Editado pela casa Aillaud de Paris e sahido das officinas da Imprensa Moderna, do Porto, appareceu ha pouco em um elegante volume de 500 paginas, a segunda edição do poema de Gomes Leal, refundido e completo. Vem accrescentado de *As Téses Selvagens*, tambem em verso e de umas extensas, originaes e interessantissimas *Notas explicativas*, que fecham o livro.

No *Anti-Christo*, que lêmos de novo, como nas *Téses Selvagens*, na maior parte constituídas por formosissimos sonetos, vibra toda a extranha individualidade poetica de Gomes Leal, de todos os artistas do verso aquelle que em Portugal, em mais de trinta annos de vida litteraria, mais alto levou a phantasia, encontrou mais bellas fórmulas para os mais arrojados pensamentos, e imprimiu a toda a sua obra uma idiosyncrasia intellectual, tão extranha, tão rara, agora positiva, logo romantica, d'ahi a pouco macabra, a seguir illuminada, pathetica, convulsa ou transcendente, e repassada toda ella de um tão vasto idealismo, que essa obra poetica ficará sempre, muito alto, inconfundivel, n'um logar á parte, dominando a litteratura do nosso tempo.

Todos esses phenomenos de impressionismo resultam da leitura d'este livro singular, que é, além de tudo, um estridente clarim de guerra contra o materialismo dominante.

Um soneto ao acaso arrancado ás *Téses* bastará para dar idéa da originalidade, da extranheza, do imprevisito, que se contém n'este volume.

Todos vós os que amais bustos aristocraticos,
Rainhas do lameiro ou Cóbras dos tablados,
sabeis quanto em setins, em rendas, em brocados,
gastaes, pela atracção de uns olhos enigmaticos.

D'ahi, as uniões fataes e os nevropáticos
matrimónios do Inferno, enlances malfadados,
mixtos de hotel, touril, *boudoirs* perfumados,
lar de burguez vicioso ou duques problemáticos.

D'ahi todo um *sabbath* monstruoso e medonho,
como em Valpurgis, Fausto entreviu no seu sonho,
e em Londres ou Paris um Pomposo Nabábo.

D'ahi, certa moral de cocheira e taberna,
em que a sárna do Páe com a lépra materna,
... fazem de um loiro anjinho um filho do Diabo.

E' extravante não é verdade? E comtudo na essencia é profundamente moralista. E este conceito é justo que se applique a tudo o que se contém n'este livro, que atravez do candido perfume da arte deixa nos espiritos a impressão benefica de toda a obra superior, nobremente pensada, intimamente sentida e expressa n'aquella linguagem dos Deuses, creada para dizer as grandes coisas e para despertar as grandes emoções.

A pasta de um jornalista

O nosso illustre collaborador, o sr. visconde de S. Boaventura, acaba de reunir em volume, ha poucos dias sahido das officinas Antonio Maria Pereira, os seus escriptos politicos, litterarios e biographicos, prefaciados por Abel Botelho.

SUMARIO: A Imprensa (4 artigos); O Governo (João Franco); A Mulher; Eduardo Prado; Antonio Pedro; Dr. Ferreira de Araujo; Poemetos em prosa; Um grande amido de Portugal (Dr. Assis Brasil); Furtado Coelho; Raphael Bordallo Pinheiro; Henry Irving; João Arroyo; Emilio de Girardin; Emilio Augier; O Sampaio da Revolução; Fontoura Xavier; Os Portuguezes no Brasil; Veneza; Pisa; Portugal e Italia; Visita do Imperador do Brasil a Camillo Castello Branco; Camillo Castello Branco; D. Isabel, a Redemptora; Recordações do theatro (o Imperador do Brasil e o visconde de Castilho); O Imperador do Brasil e o sr. Alexandre Herculano; Guilherme Braga; Bocage; Taine; Alphonse Karr; José Bonifacio (o moço); O sr. José de Alpoim; O sr. Theophilo Braga; Julio Ribeiro; Victor Hugo; Arthur Barreiros; Ezequiel Freire; Roma; Florença; Da cor na pintura; Pinheiro Chagas; Visconde de Faro e Oliveira; O Regicidio; João de Lemos e Thomaz Ribeiro; Emilio Zola; El-Rei D. Manuel II; Hintze Ribeiro; D. João da Camara; Dr. Antonio Centeno; Sully Prudhomme; etc., etc.

Basta reproduzir estes titulos para mostrar o interesse que o novo livro vae despertar em Portugal e no Brasil.

O maior relógio

E' o de Philadelphia. Tem 10 metros de diametro e é illuminado toda a noite por meio de electricidade.

As horas vêem-se de toda a cidade. O ponteiro dos minutos tem quatro metros, e o das horas dois e meio.

O sino que dá as horas peza 25 toneladas.

A corda é dada por uma machina a vapor, installada na mesma torre.

Pilhos do sr. Jacome Maria Dom do Valle

Vestidos de camponozes da Ilha da Madeira



Rodrigo e Ignacio



D. Maria, Um lar

Dos originaes portuguezes representados nos ultimos tempos é *Um lar* o que reúne mais condições de resistencia e o que evidentemente accumula mais bellezas theatraes.

E' uma peça honesta, na grande accepção d'este adjectivo quando se applica ao theatro. E' uma peça observada e sentida em que, sem que os auctores o pretendessem, ha o esboço de uma these, a enunciação de um problema social.

Não tiveram a velleidade de o resolver, mas o que quizeram conseguiram, e quizeram apenas salientar um dos aspectos mais interessantes da vida social portugueza. Não pretenderam, como para ahí vimos erradamente explanado, demonstrar que o casamento, regularizando uma situação illegal, era a unica e indispensavel solução. Não. Allí o casamento é um incidente que em nada modifica a these lançada até ahí, amplamente. E essa these é muito simples, muito humana, e, porque não havemos de dizê-lo? muito observada na vida real. Na vida intima, fóra das convenções sociaes, na liberdade do amor, na verdade da natureza, na lealdade e na bondade do character, acima de preconceitos e de leis, pode residir a felicidade, que nem sempre é apanagio de uma sociedade ou de uma familia legitimamente constituída em que triumphava a desmoralisação, e a mentira se enfeita com os mais elegantes europeis da corrupção e da vaidade.

Para que este aspecto da vida resultasse com todo o vigor, vigorosas precisavam ser as figuras que os auctores fossem buscar á vida real, e que só um talento observador poderia vincar com traços fortes e inapagaveis.

Negar que tivessem conseguido esse desideratum seria injustiça flagrante, por que em *Um lar* ha personagens que tem vida propria, arrancados, como são, não a manequins litterarios mas á vida

como ella é, á que se observa a toda a hora, áquella que nas grandes cidades, em manifestações multiplas, passa diante dos nossos olhos.

Uma d'essas figuras sobreleva a todas por ser a mais fielmente copiada, photographia animada e authentica de personalidades em evidencia na chamada alta vida de Lisboa.

E n'esta, unica em que o desempenho completa e realça a criação theatral, não nos dá Ferreira da Silva, nos movimentos da scena, a illusão absoluta de que dentro da sua impeccavel *toilette*, vive um d'esses Alphonses do Chiado, que pedem dinheiro emprestado ás mulheres que exploram, que batem o *record* entre os *clubmen* elegantes, que tem automovel, e cavallos de preço, que vivem do jogo, e são citados entre os primeiros nos *carnets mondains* dos jornaes elegantes?

Não se eximiram os auctores a dar ás linhas geraes dos seus personagens a vida e o brilho que o theatro demandam, distribuindo os pormenores precisos para pôr bem em foco essas creações, mas com aquella sabia parcimonia de que o romance não carece mas que a scena exige: sentimentos de outra especie, expansões de amor, rasgos de lealdade e dedicação, o fundo da bondade humana, tambem com mão certa por outros personagens espalharam, e uma das que em *Um lar* tem mais relevo é ao mesmo tempo uma nobre figura feminina e uma inconfundivel figura de theatro.

Aquella scena do baile, no segundo acto, a podridão doirada que tudo aquillo revela, basta para constituir a prova real do *savoir faire*

dos auctores, que não perdendo nunca de vista o assumpto em acção, como recommendam os bons canones da arte, intercallam na peça scenas vivas como aquella, que dão a exacta comprehensão do meio em que se agita a sociedade que se quer reproduzir, falsa, vaidosa, ruidosa de preconceitos, nutrida de convenções, corrupta.

E' por tudo isso *Um lar* uma peça honesta, sincera, escripta em linguagem sem pretensões, mas bastante intencional para vincar caracteres, localisar e avigorar a acção dramatica.

Estas obras, para serem comprehendidas nos seus intuitos e applaudidas pelo que valem, carecem de uma interpretação muito correcta, pelo menos, de forma que não haja destaques sensiveis e chocantes no desempenho dos varios artistas encarregados dos papeis. E nas scenas, como a do baile, obrigadas ao conjunto de muitas figuras, torna-se mister uma tal proporção e harmonia, que até ahí mesmo se depure e fortaleça a intenção accional do auctor.

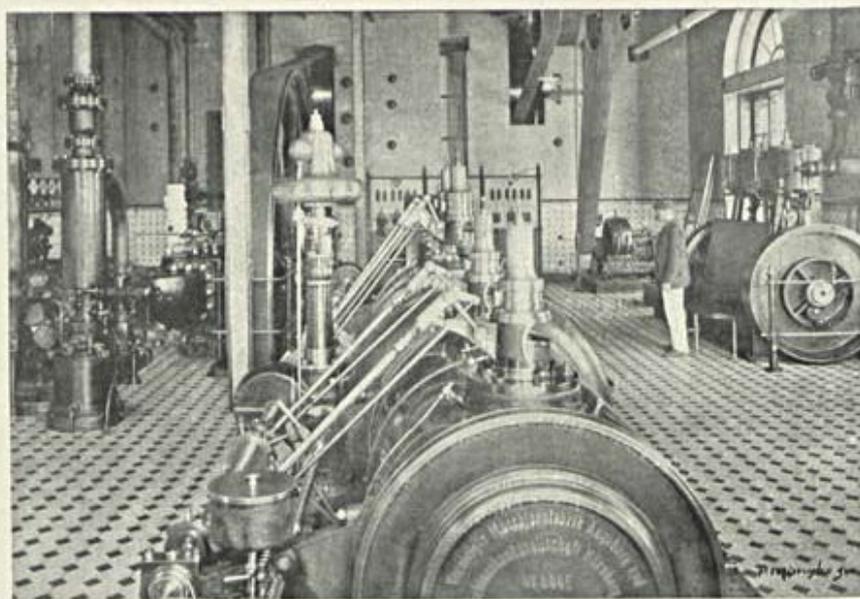
E como este nucleo de condições falhou na apresentação da peça *Um lar*, no theatro de **D. Maria**, melhor poderá vê-la e aprecia-la, com justiça, quem mentalmente a desligar do desempenho. E' o que tentamos aqui fazer, n'esta rapida analyse á obra de Gil Vaz e João Proença, pseudonymos de Barreto da Cruz e Manuel das Neves, que produzindo um trabalho que honra, tiveram a modestia — *avis rara!* — de occultar os nomes e resistir ás chamadas com que, tanto na primeira de *Um lar* como na 15.^a, a noite da sua festa, o publico quiz glorificar-lhes o merito.

JAYME VICTOR.

Brahma

No numero das industrias que florescem no Brasil tem um dos primeiros logares a *Brahma*, companhia que se formou em 93, e que, fundindo-se ha quatro annos com a Teutonia, da Mendes, região pittoresca da Serra do Mar, a dois passos do Rio de Janeiro, se fez poderosa, desenvolvendo-se rapidamente, alargando as suas installações, e decuplicando os seus productos.

Touriste que visite o Rio — a velha cidade transformada — tem, é dever indeclinavel, de subir ao alto do Corcovado, ao Sumaré, á Tijuca, e de entrar na *Brahma*, que abrange uma area de cerca de 14.000 metros quadrados (!) á rua Visconde de Sapucahy. Impõe-se o vasto edificio pelas innumeradas dependencias, pela ordem, pelos machinismos, aparelhos, motores possantes, officinas de carpinta-



Companhia Cervejaria Brahma. — Casa da machina



Companhia Cervejaria Brahma. — Engarraamento

ria, tanoaria e funilaria, secção de fabrico, adegas, filas de toneis enormes, armazens de engarraamento, sala de pasteurisação, cocheiras, estabulos — todo um mundo de movimento e actividade febril, funcionando com a regularidade e precisão de um chronometro.

O visitante entra encantado e seduzido n'esse meio em que a actividade e o asseio se dão as mãos, e sae, se não possuir um cerebro germanico bem solido, com um grão na aza — grão que attesta a qualidade dos productos e a amabilidade dos directores a que se não sabe resistir.

As duas gravuras que hoje publicámos dão ideia approximada da grandeza e importancia da fabrica, que emprega mais de quinhentos operarios, pode produzir por dia 40.000 litros de liquido, como pode fornecer ao consumo 100 toneladas de gelo.

Uma empresa que honra o Rio, e uma mina intelligentemente explorada.